

Credores buscam nova solução para dívida dos pobres

Heitor Tepedino

Nova Iorque — Organizada pelo Federal Reserve de Nova Iorque, a reunião de cerca de 20 presidentes de bancos centrais com Paul Volcker representando os E.U.A., Jacques de Larosiere, diretor-executivo do Fundo Monetário Internacional, e de Alexandre Lamfalussy, próximo presidente do Bank for International Settlements, além de representantes do Banco Mundial e do Banco da Inglaterra, deve significar a partida para encontrar-se uma solução viável permitindo aos países devedores arcarem com os seus débitos em condições mais amenas, pretendendo-se debater a transformação dos débitos de curto para longo prazo, além de inúmeras outras propostas.

Os banqueiros estão preocupados com a dívida do Terceiro Mundo, porque acabará deteriorando o quadro atual das economias dos países devedores, cujos débitos continuam num crestente anormal somente com a contabilização dos juros. Sabe-se, também que com as taxas de juros internacionais na base de 12 por cento ao ano, acrescidas de outras comissões como o "spread" e o "flat fee" esfolam a capacidade de pagamento dos devedores que, por outro lado, não conseguem melhorar o perfil de liquidez frente aos baixos preços de suas matérias-primas de exportação, com destaque para a área de "commodities".

Além disto, as políticas de protecionismo comercial vêm sendo revigoradas em muitos países, principalmente em alguns europeus e os Estados Unidos, com os norte-americanos alijando do seu mercado o aço importado do Brasil, México, Coréia do Sul, entre outros produtores. Qualquer analista pode concluir facilmente que dentro deste quadro as perspectivas de soluções são muito estreitas, crescendo-se os remédios administrados pelo Fundo Monetário Internacional para os países exigem achatamento de salários, redução dos déficits públicos, desvalorização da moeda, recessão, cujos efeitos naturalmente não podem ser traduzidos como geradores de receita para os devedores já insolventes.

O maior objetivo deste encontro em Nova Iorque é buscar uma solução que coloque os débitos dos países em dificuldades em bases consideradas "sustentáveis", que permita antever que o devedor está com a sua dívida esquematizada dentro de um programa real, porque até agora todos sabem que nenhum desses países suportará a carga que leva às costas.

Dois fatores devem ser amplamente analisados nesta reunião em Nova Iorque: os custos dos juros, de um lado, e os prazos de pagamento, do outro. Acredita-se que, neste momento, as dívidas de curto prazo desses países atingem a US\$ 100 bilhões de dólares, quantia que se pretende transformar em empréstimos de longo prazo.

No entanto, ainda não se sabe, como fazer esta operação. Alguns defendem o lançamento de bônus pelos países devedores, que passariam a ser negociados pelo sistema financeiro internacional. Esta idéia é do professor Peter Kenen, da Princeton University, que sugere bônus com prazos entre 10 a 15 anos. Já o governador do Federal Reserve Board, Henry Wallich, irá propor na reunião de bancos centrais que os devedores paguem um preço real dos juros, dentro da fórmula de que se esses juros forem fixados em 10 por cento e a inflação em 4 por cento, o devedor pagará apenas 6 por cento.

O certo, entretanto, é a convicção de que os países do Terceiro Mundo estão oprimidos com os seus compromissos da dívida externa e nas atuais circunstâncias de mercado, de juros altos, protecionismo comercial, etc., ficam inabilitados para cumprirem com os seus compromissos. A grande pergunta que levantarão é de até quando o sistema financeiro internacional conseguirá conviver neste ambiente de crise sem ser atingido mortalmente.

A principal dificuldade para os banqueiros internacionais é admitir oficialmente que estão convencidos de que em menos de 20 anos não receberão os seus créditos dos países do Terceiro Mundo. Eles vêm lutando nos últimos dois anos para contornar esta realidade, mas toda a economia mundial passaria a funcionar com mais eficiência se surgisse um acordo internacional dando novo direcionamento para as formas de pagamento de dívidas externas já contratadas, porque se superaria o ponto de estrangulamento do mercado financeiro e comercial, que é justamente a incerteza do futuro, já que ninguém pode pagar o que deve nos prazos estipulados e nos custos atuais.

Por outro lado, os banqueiros debatem-se, também, com problemas políticos tanto na América Central como na América Latina, passando a conviver com uma democracia nova, como a da Argentina; um candidato à democracia, como o Brasil, com este último com dificuldades de abrir suas janelas para a liberdade plena, esses conflitos políticos amedrontam os banqueiros quando buscam um acordo de longo prazo, porque não sabem se irão ter de negociar com um presidente eleito ou um militar nomeado, o que modifica o quadro de negociação.

No atual momento da vida internacional, cada vez os analistas se convencem mais de que somente os países que conseguirem estabelecer uma democracia consolidada que leve suas populações ao trabalho duro e persistente conseguirão sobreviver desta crise sem danos terríveis para suas gerações futuras. O México tem demonstrado isto, com sucesso na sua recuperação. A Argentina já tirou vantagem até na obtenção de juros mais baixos; enquanto o Chile continua com os mesmos problemas, diante da intolerância de sua população contra o regime ditatorial, o que não permite ao país levar sua economia para a eficiência que precisa.

Todos esses aspectos estão sendo profundamente analisados pelos banqueiros e serão debatidos na reunião dos principais responsáveis pelo crédito internacional e pelos devedores aqui em Nova Iorque. Tem-se, assim, a partida para o diálogo na busca de soluções que tranquilizem a todos. O FMI estará presente levando como carga pesada as críticas que vêm sendo alvo, pela sua política avassaladora para as economias em desenvolvimento, que tira empregos, reduz salários e empobrece as populações sob sua tutela. No entanto, os países que pediram socorro ao FMI caíram neste drama justamente porque os banqueiros privados cortaram os seus créditos pelas vias normais. Nesse encontro, os banqueiros privados serão chamados a buscar uma outra fórmula de ação, que permita o restabelecimento de um mercado financeiro operando em condições normais, mesmo que os grandes devedores sejam mantidos dentro de seus limites já programados.